

Meus Qorpos, Meus Santos

My Qorpos, my Saints

Marco Antonio Arantes

Professor Adjunto na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Contato: marcoarantes@hotmail.com.

Ao começar escrever os primeiros textos da *Ensiqlopèdia* em 1862, Qorpo-Santo parecia antever as dificuldades que iriam acompanhá-lo até sua morte em 1883. Eram escritos que não obedeciam a uma ordem cronológica, não possuíam distinções temáticas, antes se mostravam, rabiscos apressados que o autor definia como escritos encomendados por diabos ao demônio e de anjos a Deus. Classificava estes escritos como uma panacéia universal, um remédio para todas as enfermidades, com uma variedade que discorria sobre política, administração, religião, história, economia, instrução pública, astronomia, ciência, retórica, filosofia, imortalidade da alma, e tantos outros objetos raros.

Com a *Ensiqlopèdia ou Seis Meses de uma Enfermidade*, nome de sua única obra conhecida, Qorpo-Santo planejava coisas estranhas como tirar da desordem a ordem, relacionar letras maiúsculas com pessoas grandes e letras minúsculas com pessoas pequenas, e realizar um parto em sua cabeça, até então prenhe de ideias. Afirmava que escrever uma obra como a *Ensiqlopèdia* lhe traria a paz de espírito, ao mesmo tempo em que concebia o ato de escrevê-la diariamente como algo que lhe compensava as despesas feitas no correr do dia. Qorpo-Santo não conviveu com a dor e o arrependimento de nunca tê-la escrita, e nisto teve bastante determinação e fôlego, apesar de todos os contratemplos e momentos conturbados de sua vida se constituir, posteriormente, na motivação principal para a publicação de sua *Ensiqlopèdia*.

Escrever uma obra em forma de enciclopédia representava para Qorpo-Santo o mesmo que premeditar e profetizar, uma forma de reafirmar as coisas vividas e experimentadas. Significava também defender-se de atitudes provincianas ao mesmo tempo em que desejava ardentemente conservá-las. É esta construção de vida por meio do exercício da atividade enciclopédica, literária, dramatúrgica e jornalística que constitui o cerne desta investigação, não apenas estudado como uma questão teórica, mas como um pensamento voltado para a invenção da vida. Invenção que se faz presente em sua *Ensiqlopèdia* na duplicidade de construção de uma obra-vida e de uma obra-enciclopédica.

Analisado como um foco de expressão que consegue ultrapassar as contradições, conforme a designação de autor de Michel Foucault, o que entendemos como Qorpo-Santo consegue criar possibilidades diversas para uma mesma situação. Possibilidades que se desdobram em discursos oscilatórios que se articulam a sistemas jurídicos e institucionais, operando de maneira específica e complexa, não apenas como um indivíduo real, mas como se o próprio autor fosse a soma de vários “eu”. São esses vários “eu” que atravessam transversalmente seu pensamento social, o que torna a análise de sua obra algo complexo e uma tarefa repleta de possibilidades interpretativas.

Empreender uma pesquisa no intento de elucidar esse emaranhado escrito desconexo, obscuro e quase sempre ilegível, levou-me a reconhecer que a variedade de temas remetia a uma singularidade que descartava uma determinação precisa, escapando de classificações literárias e aos “ismos” da ciência, apesar das possíveis aproximações com correntes estéticas, sociológicas e políticas.¹ Com efeito, a *Ensiqlopèdia* apresenta-se como uma chave decisiva para o universo de Qorpo-Santo. É esta obra que suprirá sua necessidade de se comunicar com os homens e

¹ ARANTES, Marco Antonio. *Qorpo-Santo: inovação e conservação*. São Paulo: EDUSP, 2009. (Ensaio de Cultura; 40).

o desejo de ser reconhecido por eles em sua singularidade, um fato contraditório, visto que está a exigir ser aceito socialmente como um deles na normalidade, ao mesmo tempo em que afirma a diferença em uma individualidade singular.

Esta carência de comunicação, esta necessidade de aceitação, a busca desvairada em fazer parte do mundo, será decisiva para a abertura de uma tipografia e de um jornal próprio, pois o desejo de ser reconhecido está diretamente relacionado às acusações de doença mental que suscitaram a incompreensão e o desprezo de seus contemporâneos que não se interessaram pela sua interessante produção poética e muito menos teatral. Com efeito, a necessidade premente de obter interlocutores fez com que Qorpo-Santo se servisse com certa frequência do recurso do diálogo para comunicar-se com seus poucos leitores, muitas vezes impondo um sentido educativo e pedagógico, e outras vezes impositivo.

Qorpo-Santo parece travar um embate não apenas com os inimigos que lhe detratavam publicamente, mas também consigo próprio. Esforça-se em mostrar-se um exemplo para seus leitores e nos prediz uma possível encarnação ao tornar-se um profeta mítico salvador da humanidade. Basta folhear sua *Ensiqlopèdia* para nos impressionarmos com a insistência como se volta para a sua pessoa, para as coisas religiosas, para sua loucura, para as coisas da alma e do corpo, como se fosse a única testemunha do que ocorre dentro de si. Dá-se a impressão de ser completamente absorvido e superado por sua obra e de ser incapaz de ir além de uma expressão que supere o embate, as ambiguidades, as contradições e o entrechoque de suas inquietações internas. No entanto, Qorpo-Santo reabsorve estes mesmos paradoxos, contradições, antagonismos e ambiguidades, e as projeta para fora de si ao produzir uma dramaturgia que conflui em um único espaço o Qorpo-Santo inventivo e o Qorpo-Santo conservador. Isto não é o mesmo que afirmar que a estética teatral é o espaço por excelência da invenção e que o pensamento social traduz

o lado conservador, mas ambas as instâncias de pensamento remetem às oscilações de tendências estéticas e políticas que irão configurar a imagem de um homem pluralista — e neste sentido, ele é essencial à nossa época, ao antecipar o moderno político que orbita em torno do centro, sem identificar-se plenamente com uma vertente política.

Contudo, não foi a imagem de um político de centro que as plateias de teatro conheceram na década de 1960. Para a geração desta década, o nome de Qorpo-Santo se converterá no símbolo da rebeldia, o poeta da rebeldia. Qorpo-Santo, dado a ressonância de sua biografia como homem emparedado em sua solidão; interdito e marginalizado, foi antes de tudo tomado como um estandarte antimilitarista e um defensor da liberdade, um dramaturgo rebelde, subversivo, um antipatriarcal abusado e sem-vergonha capaz de provocar os censores da Delegacia do Serviço de Censura e Diversões do regime militarista, dado o protesto de algumas plateias conservadoras que acusavam a comédia *As Relações Naturais* de ser altamente obscena.

Mas nem tudo em Qorpo-Santo pode ser considerado uma projeção representada, sobressaindo momentos de sua *Ensiqlopèdia* em que renuncia a ficção, e decide combater todo o mal social com uma veemência obsessiva, sem procurar transposição alguma, convencendo-se que o grande inimigo estava situado fora dele, além dos conflitos interiores. Daí a maneira obsessiva como saía em defesa das leis imperiais, da autoridade patriarcal, da Igreja Católica, considerando-as como um dos pilares fundamentais do Estado, da família e da cultura brasileira.

Qorpo-Santo não é um autor uniforme, antes de tudo é um autor que comporta uma pluralidade de egos. No entanto, o sentido enciclopédico de sua obra não comporta a diversidade, mas a continuidade circular temática. Nenhum dos volumes da *Ensiqlopèdia* escapou da rigidez temática, e as suas comédias não constituem exceção. Tomemos uma frase qualquer de Qorpo-Santo, e nela perceberemos quase imediatamente

a correspondência com outras frases publicadas em outros volumes. Um dos melhores exemplos é sua obsessão por temas religiosos e a insistência em abordar temas referentes às leis, cujo tom é exatamente semelhante aos de numerosos textos espalhados na *Ensiqlopèdia*.

Já no teatro, Qorpo-Santo é um autor que provoca rupturas e paradoxos. Resgatado após cem anos de ostracismo na década de 1960, o originalíssimo dramaturgo brasileiro veio à tona após a montagem de três peças teatrais de sua autoria. Encenadas pela primeira vez em 1966 por Antonio Carlos de Sena, não se cogitou uma encenação em termos de modismo de uma estética teatral europeia, mesmo porque havia uma evidência do diretor: a da incrível semelhança entre o Teatro Europeu de Vanguarda, especificamente as ideias de antiteatro e *nonsense* presentes no teatro de Ionesco em consonância com o metateatro de Qorpo-Santo, especificamente marcado por uma modernidade que quebrava as noções aristotélicas de tempo, ação e lugar. Neste sentido, não houve a tentativa de justificar a montagem das peças a partir da procura de uma estética europeia em concordância com o dito de que o *Brasil curvou-se a Europa*, mesmo porque era explícito no diretor o declarado horror aos modismos. Pode-se dizer que a montagem da época fluiu espontânea, sem frescuras e retorcimentos, aproximando-se daquilo que Qorpo-Santo pretendia ser. A montagem mostrou-se fiel ao texto, sem revelar-se de uma fidelidade doentia, sem clarear ou definir seu pensamento, antes frisando suas incongruências e os seus paradoxos.

Qorpo-Santo não atacou o teatro romântico de seu tempo, não teorizou sua dramaturgia, não combateu a poesia parnasiana e nem disseminou o ódio contra as religiões contrárias ao catolicismo. Qorpo-Santo não nos oferece a imagem da indecisão política, mas do dramaturgo das possibilidades estéticas, um devoto católico atento à pluralidade de manifestações religiosas.

Ao término das confrontações pedagógicas, políticas, filosóficas, religiosas

de sua *Ensiqlopèdia*, veremos que ele ainda nos escapa, e não será através de um retrato fiel de sua biografia, ou mesmo uma cisão entre textos delirantes e textos sãos que iremos compreendê-lo. O fato de sua obra ser concebida como uma enciclopédia sugere um autor que deve ser estudado em suas múltiplas dimensões e não por pedaços separados uns dos outros, pois Qorpo-Santo somente encontra sua verdadeira face na sucessão e na tensão das contradições presentes em sua *Ensiqlopèdia*. Nele, o poeta, o jornalista, o dramaturgo, o político, o professor, o maçônico e o devoto são inseparáveis. Isto é que o torna singular entre vários autores de sua época, o fato de ser múltiplas dimensões indissociáveis, um corpo com todas as suas partes conectadas, e não mais separadas.

Falar de Qorpo-Santo é afastá-lo do escândalo e do subversivo. Ele é a imagem da transgressão, mas também da ordem. Ele é o ser da diferença e a afirmação de um ser dividido. Seu pensamento não é dialético. Ele é capaz de negar as próprias negações e não busca a síntese de nada. É um ser complexo.

Ele não é o *coxinha* imerso num falso moralismo. Ele está longe do mentiroso capitalista ávido para aumentar suas riquezas às custas da exploração.

A sua estética absurda está cheia de armadilhas e está presente em nosso cotidiano. Foi a maneira que encontrou para abalar algumas convenções, embora ele compusesse com as convenções. Ele tem as chaves das portas das zonas proibidas. Ele amontoou nessas zonas uma galeria de personagens. Ele também é capaz de fechá-los nessas zonas ou mesmo esperar que cada um saia por vontade própria, como se nada estivesse acontecendo.

Ele desmascara uma realidade em seu universo absurdo, mas não provoca desprezo e indignação. Ele só quer corroer alguns alicerces, mostrar que estamos pisando em ovos, e que as fronteiras entre o moral, imoral e amoral são tênues.